



Chico Buarque e Edu Lobo: primeiros "acadêmicos" da MPB no ar

TELEVISÃO

Docemente embriagador

Bar Academia, direção de Maurício Shermann; direção musical de Eduardo Souto Neto; apresentação de Walmor Chagas. TV Manchete.

■ Nada melhor do que unir duas instituições tão caras ao espírito do brasileiro — o bar e a academia — para engendrar um programa de televisão que apresenta mensalmente um papa da MPB. Vale a pena esperar por *Bar Academia*, que traz um recurso engenhoso: cada convidado tem como patrono um imortal do cancionário nacional. O de Chico Buarque de Holanda foi Noel Rosa e o de Edu Lobo — cujo programa irá ao ar no dia 5 de setembro — será Pixinguinha. Desta maneira, é possível juntar o passado ao presente, mostrando que o talento não pode ser datado.

Além do clima saudosista do bar, que é decorado com fotografias estilizadas dos "imortais", o programa muda constantemente de cenário, dando muito dinamismo às cenas, sempre "costuradas" pela presença supercharmosa do seu apresentador, Walmor Chagas.

A boa receita de *Bar Academia* é misturar entrevistas feitas com o apresentado da noite por duas ou três pessoas, números musicais com interpretações de suas obras e imagens do seu cotidiano. Para sublinhar as conversas, que não deixam de evocar o passado, as imagens do focalizado são intercaladas com fotos dele ou de alguma pessoa querida. Ótima idéia: as imagens são vira-

das como se o telespectador estivesse folheando um velho álbum de família. Os entrevistadores têm a esperteza de vasculhar fatos pitorescos. Um dos pontos altos da conversa com Chico Buarque foi quando ele mencionou sua experiência com uma esquadilha de discos voadores. No final da narrativa, seu olhar perplexo foi sublinhado por um ruído estranho produzido numa câmara de eco.

Se jornalisticamente o programa está perfeito, como espetáculo ele peca pelo excesso de grandiosidade num estilo barroco que o deixa um pouco pesado — e nem sempre coincide com o espírito das composições. Mas é só questão de acertar a dose para o programa ficar tão saboroso quanto um bom cálice de vinho. ● Érica Knapp

Roleta liberada

Domingo Bingo, direção de Alexandre Braz; apresentação de Monique Evans e Paulo Giovanni. Rede Globo, domingo, das 14h00 às 19h00.

■ Em toda quermesse que se preze há sempre um bingo para animar a festa e, claro, arrecadar fundos. A sociedade evolui e com ela os veículos de comunicação, mas os "chamarizes" que buscam atrair as pessoas parecem continuar os mesmos. É o caso de *Domingo Bingo*. Com cinco rodadas — cada uma sorteando cinco cartas — *Domingo Bingo* não é exatamente um programa, embora uma de suas funções seja atrair o telespectador para a programação dominical da emissora. É só um comercial, se bem que sofisticado,

de cinco produtos do mercado. Cientes de que o domingo significa, para a maioria da população brasileira, ficar em casa, os programas globais do dia usam e abusam da chance de dar prêmios, quase sempre utilizando a forma tradicional do sorteio de cartas. Para ganhar milhões de cruzeiros é necessário que a carta indique os lugares exatos que as marcas patrocinadoras vão ocupar em um painel. A ordem deste, por sua vez, é determinada por um sorteio realizado frente às câmaras. Em uma das cinco apresentações, é sorteada uma carta cujo remetente ganha um carro.

Se o único atributo de Monique Evans é embelezar a cena, Paulo Giovanni é a pessoa certa para anunciar os prêmios: mostra entusiasmo, sabe lidar com o *suspense*, vibra quando as cartas apontam as respostas certas. Ele apresentava um programa similar na Rede Bandeirantes mas, como sempre, a emissora do Morumbi não soube tirar partido de um profissional competente.

A fórmula não está apenas no *Domingo Bingo*. Seguindo na esteira de Silvio Santos, a Rede Globo promove vários sorteios nos intervalos da programação dominical — que, na televisão, é uma roleta sem fim. Isso é bom, é mau? Julgue o telespectador. ● E.K.

ARTES VISUAIS

Profundezas do negro

Sérgio Camargo, esculturas (de 3 milhões a 25 milhões de cruzeiros). Gabinete de Arte Raquel Babenco, São Paulo.

■ A escultura brasileira possui cinco vertentes principais. Sérgio Camargo é uma delas — os outros escultores do mesmo nível são Frans Krajcberg (ecologia), José Resende (conceitual), Amílcar de Castro (*minimal*) e Franz Weissman (construtivismo).

Partindo de uma forma rítmica, em madeira, Sérgio Camargo chegou ao mármore num percurso de dez anos. Primeiro, o mármore branco — que, ao contrário da madeira, pode compor mais silêncios e luminosidades —; agora, o mármore negro, que oferece novos fenômenos artísticos, num jogo de opostos com o material anteriormente explorado.

O espaço agora é profundo; chega à imensidão íntima de que nos fala Gaston Bachelard: "Categoria filosófica do devaneio".

E, sem dúvida, o devaneio quer contemplar a grandeza. Talvez por influência da arte gótica, nós nos acostumamos a ver a grandeza sempre vertical, uma procura ao nível do religioso. Com essas esculturas negras e horizontais, descobrimos a imensidão íntima que não nos traz o silêncio apaziguador, mas o silêncio do espaço profundo, da meditação.

E a meditação coloca-nos diante da consciência — aguda, no caso do mármore branco; grave, quando o mármore é negro. Enquanto o branco nos faz refletir sobre o espaço externo ao objeto, ilumina para fora, o preto conduz a reflexão para dentro da peça, obriga-nos a um mergulho

Visão/Ricardo Giraldez



Mármore negro, Camargo íntimo

— diríamos mais contundente — na vastidão de seu interior.

Poucas vezes a escultura provoca tais sensações. Quem sabe porque ela se aproveitou demais da forma e pouco da linguagem — esta, mais ligada à idéia, como estrutura em movimento. Sérgio Camargo conseguiu refletir sobre a linguagem plástica, deixando fluir a forma como consequência.

● Alberto Beuttenmüller

CINEMA

História sem vida

O bom burguês, Brasil, 1983; direção de Oswaldo Caldeira; roteiro de Doc Comparato e Caldeira; fotografia de Antônio Penido; música de Paulo Moura; montagem de Gilberto Santeiro. Elenco: José Wilker, Betty Faria, Jardel Filho, Christiane Torloni.

■ Pautado por um compromisso de avivar nas telas e nas discussões o passado político recente do